

A COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA: DESMITIFICANDO O MITO DO NÃO-SABER

MARCUS VINÍCIUS SCHMIDT DE ÁVILA *

GRAZIELA PIGATTO BOHN **

* Discente do curso de Letras

** Professora orientadora e docente do curso de Letras

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise da competência linguística de falantes do Português Brasileiro a fim de desmistificar a ideia de que falantes com baixo nível de escolaridade teriam um domínio inferior da gramática da língua materna. A pesquisa foi realizada a partir da análise de dados obtidos através da aplicação de um questionário em que falantes identificaram sentenças agramaticais no Português Brasileiro com base em três fenômenos sintáticos da língua: a passivação dos verbos, a inversão do sujeito e o particípio absoluto. Conforme esperado, os resultados obtidos mostraram que o domínio da gramática da língua materna independe do grau de escolaridade do falante.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística. Sintaxe. Gramática Gerativa. Competência Linguística.

INTRODUÇÃO

É muito comum perceber, arraigados aos pensamentos do senso comum presentes na sociedade, a ideia de que as pessoas não-escolarizadas ou com baixo nível de escolarização não possuem uma capacidade linguística tão desenvolvida quanto as pessoas que possuem educação formal. Sabemos, entretanto, que a aquisição da língua materna independe de qualquer instrução formal, pois ocorre naturalmente, no convívio em sociedade. Dessa forma, é de se esperar que todos os falantes, tendo passado por um processo de aquisição considerado normal, tenham o mesmo domínio da gramática, a mesma competência linguística. Entretanto, essa gramática está muitas vezes associada à norma mais prestigiada da língua,

a norma culta, que é, até os dias de hoje, o que se ensina aos alunos nas salas de aula. Por isso, de acordo com Scherre (2012, p. 220), quando o falante diz que não sabe falar português corretamente, na verdade ele está refletindo essa ideia tão enraizada de que o domínio de uma gramática depende do domínio da sua norma culta. Daí a mistificação de que dominar a língua portuguesa depende de um ensino formal e significa fazer uso da norma culta. Mas essa norma não é a única norma de uma língua nem sua gramática. Ao adquirir uma língua, o falante se torna um falante competente, independentemente da variante adquirida e adotada em sua fala.

O estudo aqui desenvolvido tem o objetivo de desassociar a ideia de competência linguística com uso de uma norma culta, procurando mostrar que falantes de diversas camadas sociais e níveis de escolaridade são igualmente competentes em suas línguas maternas. Para tanto, realizamos uma análise diagnóstica com falantes de Português Brasileiro, levando em consideração a variável do nível de escolaridade.

Na seção 1, apresentaremos o conceito de Gramática Gerativa, teoria proposta pelo linguista Noam Chomsky para explicar os sistemas linguísticos. Na seção 2 serão descritos três fenômenos sintáticos do PB, sendo eles a passivação dos verbos, a inversão do sujeito e a construção de sentenças com o particípio absoluto. A seção 3 trará a hipótese formulada que guia o estudo e a metodologia de análise adotada. Na seção 4, serão apresentados os resultados e análise dos dados obtidos.

1. A GRAMÁTICA GERATIVA E A COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

A Gramática Gerativa é uma teoria proposta pelo linguista estadunidense Noam Chomsky, no final da década de 1950, que busca descrever fenômenos sintáticos e o processo de aquisição da linguagem, baseando-se, primeiramente, no pensamento de que todas as línguas naturais são regidas por um conjunto de regras. Tendo em vista o fato de que as crianças adquirem uma língua em um período de tempo relativamente curto, levando em consideração o nível de complexidade que as línguas apresentam, Chomsky propõe que deve haver um órgão da linguagem, que desencadearia a aquisição, pois para o linguista, a aquisição não poderia acontecer por memorização das propriedades da língua nem por meio de estímulo específico ou correções, como apontava a teoria de aquisição da linguagem ancorada ao Behaviorismo (SKINNER, 1953; 1957), anterior a Chomsky. Para ele, se a aquisição dependesse de puramente estímulos externos, o falante demoraria muito tempo para adquirir uma língua e, “por volta dos 5 anos de idade as crianças já adquiriram a grande maioria das construções encontradas em sua língua materna.” (GROLLA, 2006, p. 8).

Considerando isso, foi desenvolvida a hipótese de que os seres humanos nascem dotados de uma capacidade linguística inata que pode ser considerada como o estágio inicial da aquisição da linguagem e é comum a todos, nomeada de Gramática Universal (GU).

Ao longo do processo de aquisição, ocorre interação entre as propriedades advindas da capacidade linguística inata e as manifestações linguísticas às quais a criança é exposta (denominadas *input* linguístico), sendo que o *input* linguístico contém indícios das propriedades da língua a ser adquirida.

Quanto à exposição às manifestações linguísticas, é interessante ressaltar que

A não ser que seja deliberadamente negado o acesso da criança ao input no período da infância, ela vai adquirir uma língua, independentemente da sua condição social, qualidade afetiva e intelectual de interação com

o adulto, e, para além disso, esse processo vai se dar aproximadamente no mesmo período de tempo para todas as crianças. (LOPES; MIOTO; SILVA, 1999, p. 34)

Segundo Chomsky, as propriedades das línguas enquadram-se em dois grupos: princípios, definidos como regras invariáveis, válidas para todas as línguas naturais e presentes na GU; e parâmetros, que são compreendidos como regras variáveis que podem estar presentes em uma língua natural, ou não, sendo responsáveis pela diferença entre elas, indicadas pelo *input*.

Para explicar a questão dos princípios, tomemos como exemplo a Teoria da Vinculação (*Binding Theory*) (CHOMSKY, 1981).

Essa teoria trata da vinculação entre termos presentes em uma sentença, considerando a possibilidade de serem correferenciais, o que pode ser visto nos exemplos a seguir, em que o índice _i representa termos com um mesmo referente.

- (1) a. O Paulo_i disse que ele_i vai viajar.
a'. Paul_i has said that he_i will travel.

(LOPES; MIOTO; SILVA, 1999, p. 26-27).

A correlação se dá por meio da substituição de uma estrutura denominada *Determiner Phrase (DP)*, composta por um determinante (geralmente, um artigo) e um nome, e por um pronome, sendo ele, de acordo com a Gramática Tradicional (GT), um termo que representa um nome, como em (1a) e (1a'), nas quais *O Paulo* e *Paul* são, respectivamente, substituídos por *ele* e *he*.

No entanto, de acordo com Lopes, Miotto e Silva (1999), a classificação dos pronomes para a teoria da vinculação é diferente de sua classificação oriunda da GT, uma vez que são subdivididos em duas categorias: anáforas, em que são categorizados os elementos de interpretação reflexiva ou recíproca, como *se*; e pronomes, em que se enquadram elementos como *a* ou *ela*.

Tendo em vista que a anáfora tem como característica a utilização de termos de interpretação reflexiva ou recíproca, é possível delimitar sua ocorrência apenas em situações em que a referenciação ocorra dentro de uma mesma oração, como mostram os exemplos (2a) e (2a'):

- (2) a. João_i está se_i abraçando.
a'. John_i is hugging himself_i.

A anáfora também permite o uso de expressões como *um ao outro*, que também têm um sentido de ações recíprocas:

- b. [Maria e Pedro]_i cumprimentaram [um ao outro]_i.
b'. [Mary and Peter]_i greeted [each other]_i.

Em contraste com as anáforas, em que os referentes devem estar inseridos em uma mesma oração, a ocorrência dos pronomes não pode se dar nesse mesmo contexto:

- (3) a. A Maria_i adora ela_k.
a'. A Maria_i adora ela_i. *

(LOPES; MIOTO; SILVA, 1999, p. 154).

Analisando a oração (3a), é possível perceber que o pronome *ela* **não é utilizado para substituir a DP A Maria**, mas sim para inserir um novo referente à oração, representado

pelo índice i ; no entanto, em (3a'), o pronome é utilizado partindo do mesmo princípio do uso das anáforas e, mesmo que saibamos que *A Maria e ela são* correferentes (por conta da indicação i), a carga semântica trazida por essa oração ainda nos remete ao sentido presente em (a), dando a ideia de que não há correferênciação.

Portanto, se as anáforas ocorrem dentro de uma mesma oração, é possível deduzir que a correferênciação dos pronomes ocorrerá em uma situação diferente da apresentada anteriormente.

- (4) a. Ana_{*i*} disse que ela_{*i*} vai estudar.
 a' Ana_{*i*} has said that she_{*i*} will study.

Como mostrado nos exemplos anteriores, temos que o emprego do pronome se encontra nas orações subordinadas substantivas objetivas diretas, relacionadas às orações principais em que a DP *Ana* é introduzida.

Sendo assim, é possível determinar que os pronomes não podem estar vinculados a um referente que esteja dentro da mesma oração, tornando seu emprego viável apenas em contextos em que a DP e o pronome aparecem em orações diferentes.

Com base nisso, ao menos dois princípios universais podem ser extraídos da Teoria da Vinculação a partir das sentenças citadas, sendo eles, de maneira simplificada:

Princípio A: A ocorrência de anáforas só é viável em um contexto em que a *Determiner Phrase* e seu correferente encontrem-se dentro de uma mesma oração e;

Princípio B: Pronomes só podem ser utilizados em um contexto em que a *Determiner Phrase* e seu correferente encontrem-se em orações diferentes.

Em relação aos princípios, é interessante salientar que, segundo Cook (1991, apud GRÉGIS, 2016, p. 166), os falantes não violam tais regras, pois é improvável que sejam produzidas estruturas que não estejam presentes na GU; portanto, como os princípios regem todas as línguas naturais, não é possível que uma estrutura que não os siga se realize em uma produção espontânea.

Mantendo como referencial teórico a Teoria da Vinculação, dos princípios citados anteriormente derivam parâmetros responsáveis por delimitar as diferenças entre as línguas.

Um desses parâmetros trata da questão da possibilidade de substituição de um pronome por um tipo de categoria vazia (*ec* ou *empty category*), ou seja, em algumas línguas naturais, um pronome foneticamente realizado, como *ele* ou *he*, pode ser trocado por um pronome sem realização fonética, conhecido como *pro*.

Para fins de ilustração, observemos as sentenças em (5) a seguir, de estrutura semelhante às sentenças (1) e (4):

- (5) a. [João e Maria]_{*i*} disseram que [eles]_{*i*} voltarão logo.
 a'. [John and Mary]_{*i*} has said that [they]_{*i*} will come back soon.

No PB, é admitido que a elipse do pronome *eles* ocorra sem que haja nenhuma perda sintática, demonstrando que o termo em questão é expletivo; no entanto, a língua inglesa não admite a omissão do termo correferencial, como pode ser visto nas sentenças em (6) a seguir:

- (6) b. [João e Maria]_{*i*} disseram que *pro*_{*i*} voltarão logo.
 b'. [John and Mary]_{*i*} has said that *pro*_{*i*} will come back soon. *

Contrastando a inviolabilidade presente nos princípios, temos que a violação de parâmetros é algo que pode acontecer, principalmente, em alguns cenários específicos, como a aquisição de uma segunda língua, partindo de teorias que assumem a hipótese de que há influência da língua materna ao adquirir uma língua estrangeira e, nesses casos, a produção de uma sentença como (6b') por um falante de uma língua que tem como traço a presença do *pro* durante a aprendizagem de uma língua que não possui esse traço é completamente lógica e possível.

Esclarecida a questão dos princípios e parâmetros, temos que, quando exposta ao *input* linguístico, a criança, em seu estado inicial da linguagem (GU), deve realizar um processo chamado parametrização, que consiste em atribuir valores positivos ou negativos às regras presentes na língua em processo de aquisição. Por exemplo, retomando o exemplo (5), uma criança que tem como sua língua materna o PB atribuiria valor positivo à possibilidade da elipse do pronome, enquanto uma criança adquirindo a língua inglesa atribuiria um valor negativo.

Ao final desse processo, o falante desenvolve uma gramática interna, admitindo a definição de gramática como um conjunto de regras internalizadas pelo indivíduo como um conhecimento inconsciente e, em relação a isso, é relevante ressaltar que

[...] qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E veremos que esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como as pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas. (PERINI, 1996, p. 13 apud CRUZ, 2018, p.117).

Com base nas teorias descritas acima, podemos deduzir que, por meio do acesso a esse conjunto de regras, um falante consegue identificar se uma frase pertence ou não à sua língua materna em um processo natural, mesmo que nunca tenha estudado certas características da língua. Nomeamos tal capacidade como Competência Linguística. Quanto a isso, também é relevante destacar que:

Quem sabe decidir se uma sentença pertence ou não a uma dada língua é o falante nativo daquela língua, escolarizado ou não. Portanto, os conceitos de gramaticalidade/agramaticalidade não recorrem de forma alguma os conceitos de certo/errado da GT. (LOPES; MIOTO; SILVA, 1999, p. 21).

Para exemplificar tal capacidade, analisemos os exemplos em (7) e (8) seguir, em que temos como objeto de análise a palavra *você* e sua contração 'cê.:

- (7) a. 'Cê viu a Maria saindo.
a'. Você viu a Maria saindo.
- (8) a. A Maria viu 'cê. *
a'. A Maria viu você.

(LOPES; MIOTO; SILVA, 1999, p. 21).

Qualquer falante nativo do PB identificaria as sentenças (7a) e (7a') como pertencentes à língua, mesmo que a Gramática Tradicional não descreva o uso de *você* e da contração *'cê* como pronomes pessoais, já que são traços advindos da fala. Entretanto, a mesma regularidade não se repete com os exemplos mostrados em (8), que colocam o objeto de análise em posição de objeto direto do verbo *ver*.

Temos que a sentença (7a) seria reconhecida, sem problema algum, como pertencente ao PB. Porém, ao entrar em contato com a sentença (8a), o falante teria uma sensação de estranhamento, não a reconhecendo como uma estrutura presente na língua, ainda que, assim como no caso anterior, nenhuma regra da GT especifique o uso de tais palavras em posição de complemento verbal.

Dessa forma, ainda que o falante não tenha consciência de seus conhecimentos internalizados, derivados do processo de parametrização, ao entrar em contato com as construções apresentadas, ele se mostra linguisticamente competente por ser capaz de classificá-las, de forma inconsciente, como pertencentes ou não à sua língua, ou seja, de julgá-las gramaticais ou agramaticais.

2. ALGUNS FENÔMENOS SINTÁTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

De acordo com Negrão, Scher e Viotti (2011b, p. 92), “as sentenças das línguas não podem ser entendidas apenas como uma sequência linear de palavras. Elas são formadas por constituintes hierarquicamente estruturados.”

Com base nisso, podemos definir que a sintaxe é a área da linguística que estuda os processos que encadeiam os constituintes das sentenças presentes em uma língua, organizando-os em estruturas de acordo com as especificidades do léxico, inserido em um contexto, visto que as palavras não podem ser categorizadas como se tivessem apenas um uso dentro da língua.

Sendo assim, três fenômenos sintáticos serão destacados para o andamento desta pesquisa, uma vez que realizar simples modificações na estrutura de sentenças que contenham tais fenômenos pode torná-las agramaticais. São eles: a passivação dos verbos, a inversão do sujeito e o participio absoluto.

2.1. Passivação dos verbos

No PB, admitimos que os verbos podem ser flexionados de acordo com diversas características, sendo uma delas a voz verbal, responsável por determinar se o sujeito é agente ou paciente em relação à ação expressa em uma oração.

Segundo Negrão, Scher e Viotti (2011a, p. 99), “a gramática tradicional, em geral, diz que verbos que têm um sujeito e um objeto direto são passíveis de aparecer na voz passiva”, então, é possível assumir que os verbos transitivos diretos do PB podem sofrer essa mudança em sua voz verbal, como nos pares em (9) a seguir:

- (9) a. Os professores orientam os alunos.
 a'. Os alunos são orientados pelos professores.
 b. Marina pegou a encomenda mais cedo.
 b'. A encomenda foi pega por Marina mais cedo.

Nas sentenças mostradas em (9), há alteração na voz verbal sem que haja nenhuma mudança em seu sentido. Entretanto, isso não acontece com todos os verbos, como podemos verificar nas seguintes orações em (10):

- (10) a. As crianças quebraram o vaso de cristal.
 a'. O vaso de cristal foi quebrado pelas crianças.
 b. O Pedro quebrou a perna.
 b'. A perna foi quebrada pelo Pedro. *

(NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2011a, p. 100).

Ainda que ambos os pares tratem do mesmo verbo: “quebrar”, podemos notar que em (10a) e (10a’), temos que as duas orações são interpretadas da mesma maneira, contudo, o par (10b) e (10b’) nos apresenta duas interpretações distintas, pois, na primeira sentença, entendemos que Pedro se lesionou de forma com que quebrasse um osso da perna, enquanto, na segunda, é viável a interpretação de que Pedro foi agente no ato de quebrar a própria perna, mostrando alteração de sentido entre a voz ativa e a voz passiva, o que faz com que seja razoável caracterizá-la como agramatical em PB.

Tal categorização acontece, pois, na realidade, a sentença ativa (10b) que deriva a construção passiva (10b’), de acordo com alguns autores, enquadra-se na categoria de voz média.

Amparando-nos em Chafé (1979), podemos afirmar que a voz média se caracteriza por apresentar um verbo de processo, aquele que designa uma mudança de condição ou de estado e exprime uma relação entre um nome paciente e um estado. (DUARTE, 2005, p. 788).

Isso pode ser verificado ao se analisar a estrutura presente em (10b), pois o constituinte *Pedro* não é agente no ato de quebrar, sendo afetado pelo processo descrito pela ação do verbo, ou seja, podemos classificá-lo como um sujeito paciente, ainda que esteja inserido dentro de uma construção estruturada como voz ativa.

Então, tal explicação nos permite levantar a hipótese de que os verbos que, ao serem conjugados, se enquadram na categoria de voz média, quando possuem um sujeito humano e carregam um valor semântico de ferimento não admitem o processo de passivação, o que é possível notar nos exemplos em (11) a seguir, com os verbos “queimar”, “arranhar” e “cortar”:

- (11) a. O menino queimou a mão.
 a'. A mão foi queimada pelo menino. *
 b. Joana arranhou a perna.
 b'. A perna foi arranhada por Joana. *
 c. Luiz cortou o dedo.
 c'. O dedo foi cortado por Luiz. *

Para a continuidade desse estudo, é pertinente que analisemos também, de forma breve, a classe dos verbos psicológicos, categoria essa que agrupa os verbos que expressam um estado emocional.

Tendo como base Cançado (2012), esse grupo de verbos pode ser agrupado em classes e um dos critérios para que isso aconteça é a possibilidade de ocorrência da passiva sintática, estruturada a partir do verbo *ser*, ou adjetiva, formada a partir do verbo *ficar*:

- (12) a. Os filhos são amados pelos pais.

a'. Os filhos ficam amados pelos pais. *

(13) a. Os amigos foram preocupados pelo João. *

a'. Os amigos ficaram preocupados com o João.

(14) a. O João foi intimidado pela polícia.

a'. O João ficou intimidado com a agressividade da polícia.

(NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2011a, p. 101-102).

Quanto às frases (12), (13) e (14), é possível notar uma certa irregularidade quanto à ocorrência da passivação, uma vez que alguns verbos admitem somente a forma sintática, como o verbo amar, em (12), alguns admitem apenas a forma adjetiva, como o verbo preocupar, em (13) e, por fim, alguns admitem ambas as formas, como o verbo intimidar, em (14).

2.2. Inversão de sujeito

Partindo de uma perspectiva histórica, Menuzzi (2004), ao tratar da possibilidade de inversão do sujeito, afirma que o PB era uma língua muito semelhante ao Português Europeu e outras línguas românicas e, por conta disso, a inversão era, praticamente, livre, por essa ser uma característica dessas línguas.

No entanto, estudos desenvolvidos por um grupo de trabalho orientado, inicialmente, por Mary Kato e Fernando Tarallo na Universidade Estadual de Campinas mostraram, por meio de um quadro geral da sintaxe do PB, que

[...] muitas das propriedades sincrônicas do PB, incluindo aí as restrições à ordem VS, são resultado de uma “mudança paramétrica”: o PB estaria se tornando uma “língua de sujeito obrigatório”, como o francês – deixando, portanto, de ser uma “língua de sujeito nulo” como o PE e as demais línguas românicas. (MENUZZI, 2004, p. 351)

Mesmo que estejamos partindo de uma língua em que a inversão era algo livre para uma língua que caminha para a obrigatoriedade do uso do sujeito, as mudanças linguísticas são processos demorados, visto que a mudança se dá a partir do uso da língua pelos falantes.

E, segundo Lira (1986) e Tarallo (1983 apud PILATI, 2006, p.29), “se a inversão do sujeito é previsível pela possibilidade de sujeitos nulos, o aumento de sujeitos pronominais levará o PB à perda da propriedade da inversão.”

Durante o processo de transição do PB, uma série de processos sintáticos e semânticos tornaram o uso da inversão de sujeito mais comum quando relacionada aos verbos monoargumentais, o que significa que seu único argumento é um sujeito ou um objeto direto.

É pertinente evidenciar que, assim como no fenômeno de passivação dos verbos, a possibilidade de inversão do sujeito também não é regular, dado que apenas alguns verbos admitem que o sujeito tenha incidência em posição pós-verbal, como é possível analisar nas seguintes sentenças:

(15) a. Os professores trabalham duro.

a'. Trabalham os professores duro. *

b. O livro chegou ontem.

b'. Chegou o livro ontem.

(NEGRÃO, SCHER; VIOTTI, 2011a, p. 103).

As autoras descrevem que a agramaticalidade presente em (15a') se dá por conta da existência de duas classes de verbos monoargumentais: aqueles que admitem a inversão de sujeito e, por isso, aceitam-no tanto em posição pré-verbal quanto em posição pós-verbal; e aqueles que não admitem.

São alocados na primeira categoria os verbos que introduzem ou retiram o argumento do contexto dado pela sentença, como é o caso das construções (15b) e (15b'). Devido a isso, os argumentos, em sua relação sintática, são pacientes em relação ao verbo.

Já a segunda categoria designa os verbos em que o sujeito é desencadeador do processo descrito pela sentença, assim como na construção (15a), em que os professores são agentes no ato de trabalhar, sendo assim, sintaticamente, são considerados agentes em relação ao verbo.

Dessa forma, é possível estabelecer uma fundamentação lógica para a possibilidade de inversão do sujeito, mesmo que a descrição de sua ocorrência se dê pela generalidade, posto que, na sintaxe, os agentes podem ser não-realizados; portanto, analisando as relações sintáticas estabelecidas pelos argumentos, podemos assumir que aqueles com função de agente, normalmente, posicionam-se à esquerda do verbo, enquanto os argumentos pacientes se posicionam à direita do verbo mas, por conta da possibilidade de não-realização de um agente, é possível que os pacientes se posicionem também em posição pré-verbal.

2.3. Participípio absoluto

Com base na concepção da Gramática Tradicional, o participípio é caracterizado como uma forma nominal dos verbos, ou seja, por si só, não denota nenhum aspecto modo-temporal, além de ser identificado, quando usado em sua forma regular, pelas terminações -ado e -ido.

Assim como nos casos de inversão de sujeito, a gramaticalidade em construções participiais também pode ser dependente do argumento, no entanto, nesse caso, as sentenças construídas a partir do participípio absoluto se mostram gramaticais ou não de acordo com o tipo de argumento que acompanha o verbo.

De acordo com a sintaxe, os argumentos podem ser realizados de duas maneiras diferentes. São elas a posição de argumento interno e argumento externo, sendo que o primeiro se refere aos termos que complementam o verbo, enquanto o segundo se refere ao sujeito da oração.

Segundo Nascimento (2014), a formação do participípio absoluto tem como característica certo valor passivo e, por isso, apenas o argumento interno dos verbos presentes nesse tipo de construção pode ser preservado junto do participípio, como pode ser visto nos exemplos em (16) a seguir:

- (16) a. O João consertou a calha.
 a'. Consertada a calha, ...
 a''. Consertado o João, ... *

(NASCIMENTO, 2014, p. 242)

Podemos estabelecer uma relação em que os argumentos externos, por exercerem a função sintática de sujeito, possuem valor ativo, enquanto os argumentos internos, por exercerem função sintática de complemento, possuem valor passivo, ou seja, considerando o valor passivo descrito anteriormente, apenas os argumentos internos podem ser realizados junto das construções participiais absolutivas. Sendo assim, é possível classificar (16a') como uma

sentença pertencente ao PB enquanto (16a”), por não estar de acordo com a regra descrita acima, não pertence ao PB.

3. HIPÓTESE E METODOLOGIA

A hipótese inicial é de que, independentemente do nível de escolarização ou idade dos falantes, o processo de identificação das sentenças agramaticais no PB se dará de forma semelhante para todos os informantes, uma vez que a aquisição da língua se dá de modo uniforme, quando em condições normais, mesmo que as condições sociais dos falantes possam ser diferentes. Dessa forma, parte-se da hipótese de que todos os falantes do PB têm o mesmo domínio linguístico da língua.

Para que a análise dessa competência linguística fosse realizada, foram selecionados falantes nativos de PB para comporem três grupos de informantes, sendo que cada grupo foi formado com três informantes:

Grupo A: falantes com pouca escolarização (até o 5º ano do ensino fundamental);

Grupo B: falantes escolarizados (com ensino médio completo ou ensino superior);

Grupo C: crianças na faixa etária de 7 a 9 anos.

Todos os participantes tiveram participação voluntária e não têm nenhum vínculo com nenhuma instituição.

A escolha da faixa etária das crianças se dá com base nos estudos realizados por Gabriel (2001), Palmiere (2002), e Souza (2003 apud LOPES e SOUZA, 2004), que tratam da aquisição dos três fenômenos selecionados para o desenvolvimento da pesquisa, respectivamente, mostrando que a passivação tem resultados mais expressivos em sua aquisição no período de sete a oito anos, a inversão de sujeito é adquirida entre os dois anos e oito meses e cinco anos e as construções com participio são adquiridas por volta dos cinco anos. Os falantes de faixa etária entre 7 e 9 anos constituirão o grupo controle, atestando que, nessa faixa etária, todos os falantes já terão dominado as estruturas em estudo.

A pesquisa teve aprovação no Comitê de Ética da Universidade Católica de Santos (processo número 84310218.2.0000.5536) e, para a realização do experimento, os voluntários assinaram um termo de consentimento ou assentimento livre e esclarecido, adaptados de acordo com as necessidades de cada grupo, sendo que os termos correspondentes ao grupo de crianças foram assinados pelos participantes e seus responsáveis.

O recrutamento dos participantes foi realizado via internet, tendo como método de divulgação as redes sociais.

O experimento foi realizado em horários individuais, em que o pesquisador e o pesquisador assistente explicaram os procedimentos da pesquisa e leram uma lista de 18 sentenças em PB para que os falantes classificassem as frases como gramaticais ou agramaticais, ou seja, de maneira simplificada, deveriam dizer se as frases soam ou não soam bem.

A lista de sentenças foi composta por três frases agramaticais e duas frases gramaticais para cada fenômeno e mais três frases gramaticais que não têm relação alguma com os fenômenos, servindo como distratoras, como pode ser visto a seguir:

a. Frases agramaticais:**a'. Passivação dos verbos:**

1. A perna foi quebrada por Pedro;
2. O ligamento foi rompido pelo João durante o jogo;
3. Os professores ficam respeitados pelos alunos.

a''. Inversão de sujeito:

1. Trabalharam os professores duro;
2. Correm muitos amigos meus todos os dias;
3. Dançavam várias meninas pelo menos duas vezes por semana.

a'''. Participio absoluto:

1. Corridos os amigos, todos foram celebrar no bar da esquina;
2. Andadas várias pessoas, os dirigentes do parque fecharam os portões;
3. Ridos os alunos, todos foram impedidos de terminar a prova.

b. Frases gramaticais:**b'. Passivação dos verbos:**

1. A carta do banco foi perdida pelo carteiro;
2. O cachorro foi alimentado pelo garoto.

b''. Inversão de sujeito:

1. Cresceram algumas flores-do-campo no meu jardim;
2. Vieram muitos amigos à minha festa.

b'''. Participio absoluto:

1. Chegado o livro, dei início imediato à leitura;
2. Ocorridos vários acidentes na marginal, a prefeitura decidiu remodelar a pista.

c. Outras frases:

1. Caio e Lucas são bons amigos;
2. Gostamos muito do show daquela banda;
3. Caminho aos fins de semana sempre que posso.

Os dados coletados foram catalogados e, posteriormente, os resultados foram analisados de forma quantitativa para que a proposta da pesquisa fosse cumprida.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com as teorias discutidas nos capítulos anteriores, o processo de aquisição da linguagem parte de um mesmo ponto inicial (GU) e, independentemente do contexto em que a criança esteja inserida, a aquisição se dará de forma semelhante e, ao final, o falante, naturalmente, terá domínio das regras que regem sua língua, desenvolvendo assim uma competência linguística. A aplicação do experimento culminou em resultados que vão ao encontro da fundamentação teórica deste trabalho.

Adiante, serão expostos os quadros referentes aos dados coletados para a análise da competência linguística dos falantes de PB. Para o pleno entendimento dos dados mostrados, é

relevante salientar que os símbolos “∅” e “∅” representam, respectivamente, as palavras “gramatical” e “agramatical”.

Quadro 1: Resultado do grupo de informantes escolarizados

	Inf 1	Inf 2	Inf 3	Gabarito
A perna foi quebrada por Pedro.	×	×	✓	×
Caio e Lucas são bons amigos.	✓	✓	✓	✓
Chegado o livro, dei início imediato à leitura.	✓	✓	✓	✓
Trabalharam os professores duro.	×	×	×	×
A carta do banco foi perdida pelo carteiro.	✓	✓	✓	✓
Gostamos muito do show daquela banda.	✓	✓	✓	✓
Corridos os amigos, todos foram celebrar no bar da esquina.	×	×	×	×
Cresceram algumas flores-do-campo no meu jardim.	✓	✓	✓	✓
Ocorridos vários acidentes na marginal, a prefeitura decidiu remodelar a pista.	✓	✓	✓	✓
Os professores ficam respeitados pelos alunos.	×	×	×	×
Vieram muitos amigos à minha festa.	✓	✓	✓	✓
Correm muitos amigos meus todos os dias.	×	×	×	×
Andadas várias pessoas, os dirigentes do parque fecharam os portões.	×	×	×	×
O cachorro foi alimentado pelo garoto.	✓	✓	✓	✓
Dançavam várias meninas pelo menos duas vezes por semana.	✓	✓	✓	✓
Caminho aos fins de semana sempre que posso	✓	✓	✓	✓
Ridos os alunos, todos foram impedidos de terminar a prova.	×	×	×	×
O ligamento foi rompido pelo João durante o jogo.	×	×	✓	×

(Fonte: dados da pesquisa)

Os resultados obtidos pelos falantes escolarizados e apresentados no Quadro 1 acima mostram que os informantes foram capazes de realizar um julgamento adequado da gramaticalidade das sentenças às quais foram expostos, identificando as frases agramaticais, com exceção de um informante, que classificou as sentenças que se enquadram na categoria de voz média, possuem um sujeito humano e carregam um valor semântico de ferimento como gramaticais.

Quadro 2: Resultados do grupo de informantes com pouca escolarização

	Inf 4	Inf 5	Inf 6	Gabarito
A perna foi quebrada por Pedro.	✓	✗	✗	✗
Caio e Lucas são bons amigos.	✓	✓	✓	✓
Chegado o livro, dei início imediato à leitura.	✓	✗	✓	✓
Trabalharam os professores duro.	✗	✗	✗	✗
A carta do banco foi perdida pelo carteiro.	✓	✓	✓	✓
Gostamos muito do show daquela banda.	✓	✓	✓	✓
Corridos os amigos, todos foram celebrar no bar da esquina.	✗	✗	✗	✗
Cresceram algumas flores-do-campo no meu jardim.	✓	✓	✓	✓
Ocorridos vários acidentes na marginal, a prefeitura decidiu remodelar a pista.	✓	✓	✓	✓
Os professores ficam respeitados pelos alunos.	✗	✗	✗	✗
Vieram muitos amigos à minha festa.	✓	✓	✓	✓
Correm muitos amigos meus todos os dias.	✗	✗	✗	✗
Andadas várias pessoas, os dirigentes do parque fecharam os portões.	✗	✗	✗	✗
O cachorro foi alimentado pelo garoto.	✓	✓	✓	✓
Dançavam várias meninas pelo menos duas vezes por semana.	✓	✓	✓	✓
Caminho aos fins de semana sempre que posso	✓	✓	✓	✓
Ridos os alunos, todos foram impedidos de terminar a prova.	✗	✗	✗	✗
O ligamento foi rompido pelo João durante o jogo.	✓	✗	✗	✗

(Fonte: dados da pesquisa)

Ao analisar os resultados apresentados no Quadro 2, é possível notar que, ainda que os dados sejam provenientes de informantes com pouca escolarização, os resultados são muito semelhantes aos apresentados no quadro anterior, o que denota que o julgamento realizado tem uma grande similaridade entre os grupos.

É curioso observar que a mesma situação destacada na análise do grupo de informantes anterior se repete neste, ou seja, as sentenças relativas à voz média também foram identificadas como gramaticais por um dos informantes.

Quadro 3: Resultados do grupo de informantes formado por crianças

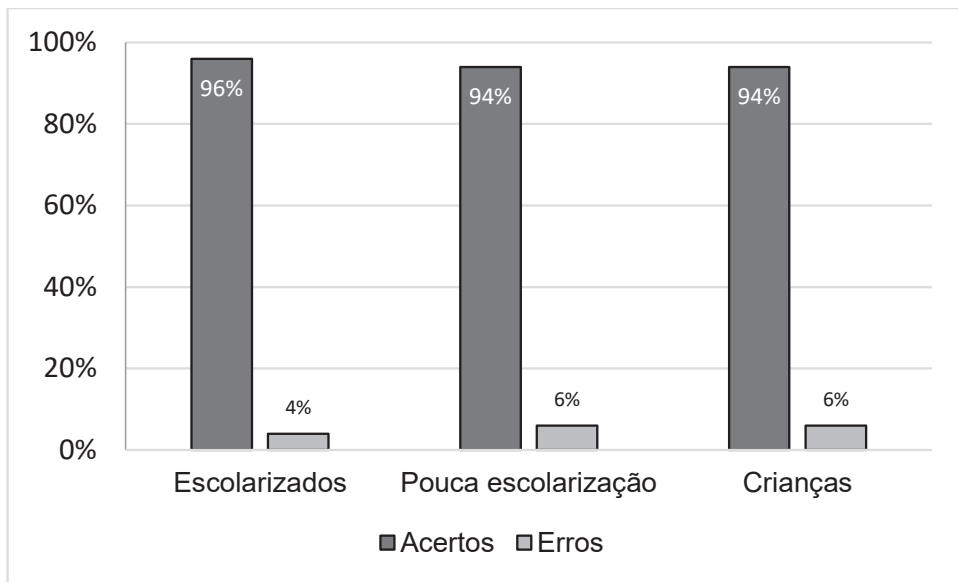
	Inf 7	Inf 8	Inf 9	Gabarito
A perna foi quebrada por Pedro.	✓	✗	✗	✗
Caio e Lucas são bons amigos.	✓	✓	✓	✓
Chegado o livro, dei início imediato à leitura.	✗	✓	✓	✓
Trabalharam os professores duro.	✗	✗	✗	✗
A carta do banco foi perdida pelo carteiro.	✓	✓	✓	✓
Gostamos muito do show daquela banda.	✓	✓	✓	✓
Corridos os amigos, todos foram celebrar no bar da esquina.	✗	✗	✗	✗
Cresceram algumas flores-do-campo no meu jardim.	✓	✓	✓	✓
Ocorridos vários acidentes na marginal, a prefeitura decidiu remodelar a pista.	✓	✗	✓	✓
Os professores ficam respeitados pelos alunos.	✗	✗	✗	✗
Vieram muitos amigos à minha festa.	✓	✓	✓	✓
Correm muitos amigos meus todos os dias.	✗	✗	✗	✗
Andadas várias pessoas, os dirigentes do parque fecharam os portões.	✗	✗	✗	✗
O cachorro foi alimentado pelo garoto.	✓	✓	✓	✓
Dançavam várias meninas pelo menos duas vezes por semana.	✓	✓	✓	✓
Caminho aos fins de semana sempre que posso	✓	✓	✓	✓
Ridos os alunos, todos foram impedidos de terminar a prova.	✗	✗	✗	✗
O ligamento foi rompido pelo João durante o jogo.	✗	✗	✗	✗

(Fonte: dados da pesquisa)

Por se tratar do grupo de controle, era esperado que as crianças conseguissem distinguir todas as sentenças gramaticais e agramaticais; no entanto, os resultados do Quadro 3 mostram uma pequena margem de erro que pode ser relacionada ao fato de que, talvez, os informantes ainda não tenham adquirido completamente as estruturas testadas. Como por exemplo, os informantes 7 e 8 identificaram, respectivamente, as sentenças “Chegado o livro, dei início imediato à leitura” e “Ocorridos vários acidentes na marginal, a prefeitura decidiu remodelar a pista” como agramaticais, sendo que, no PB, elas são categorizadas como gramaticais, ou seja, pode ser que as crianças ainda não tenham adquirido plenamente a estrutura participial empregada nas frases.

Ao contrastar a porcentagem de erros e acertos obtidos por cada grupo, torna-se visível a inexpressividade da quantidade de resultados negativos em relação aos resultados positivos e as porcentagens apresentadas como resultados de cada grupo possuem uma semelhança relevante, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Porcentagem dos erros e acertos obtidos por cada grupo



Fonte: Dados da pesquisa.

Um ponto relevante a se destacar é que, assim como nos grupos de falantes escolarizados e de falantes com pouca escolarização, uma das crianças também classificou uma das sentenças com estrutura de voz média como gramatical. Por tal ocorrência ter acontecido em todos os grupos que realizaram o experimento, isso pode ser considerado como um indício de uma possível mudança linguística relacionada a esse fenômeno. Um motivo que pode ser considerado para isso não ter sido identificado por todos os informantes é que, segundo Salomão (2011), ancorada aos pensamentos da Sociolinguística Variacionista proposta por Labov, “a variação e a mudança são inerentes às línguas, como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos.” (p. 187). Além disso, a mudança é um processo vagaroso que leva tempo até realmente se adequar à língua. No entanto, por não se tratar do assunto deste trabalho, a questão não será aprofundada.

Através dos resultados obtidos, podemos dizer que, independentemente da escolaridade do falante, todos os participantes da pesquisa apresentaram julgamentos bastante semelhantes no que diz respeito aos três fenômenos investigados nesse estudo. Isso significa que, com ou sem uma educação formal, todo falante tem a mesma gramática da língua materna armazenada. Cabe salientar, entretanto, que esses resultados não invalidam de forma alguma o papel que a escola tem em formalizar esse conhecimento linguístico e em apresentar ao falante outros registros e formas de uso da língua além daquele utilizado em seu meio. Com isso, espera-se que a verificação a que se propôs neste trabalho não diminua a importância da escola no enriquecimento linguístico do falante, mas, sim, mostre que o preconceito linguístico que atinge aqueles menos escolarizados no que diz respeito ao uso da língua não passe de um tabu veiculado a partir do senso comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo desmistificar a ideia de que o domínio da gramática da língua materna depende de uma instrução formal, da escolarização do falante. Sabemos, entretanto, que uma vez adquirida a língua, o seu domínio não requer nenhuma forma de ensino, pois é natural. Vimos, por exemplo, que a nossa gramática é regida por princípios universais invariáveis que restringem todas as línguas do mundo, e por princípios variáveis, que destacarão uma língua de outra. Esses princípios, em conjunto, permitem que o falante seja absolutamente competente em sua língua materna, e, por isso motivo, não devemos esperar julgamentos diferentes em relação à gramaticalidade de sentenças a depender do seu nível de escolaridade. De fato, nosso estudo mostra que, o julgamento de gramaticalidade envolvendo três fenômenos linguísticos do PB é praticamente idêntico em três grupos de falantes: escolarizados, pouco escolarizados e crianças. A falha em associar domínio da língua materna com escolaridade tem sua origem nas normas de prestígio tão valorizadas na sociedade e no meio escolar. Por isso, é natural que se associe o domínio da língua com o domínio dessa norma, e, conseqüentemente, com o nível de escolaridade do falante. Esperamos, portanto, ter mostrado através do experimento proposto neste estudo, que até fenômenos mais complexos, como a passivação de verbos, a inversão do sujeito e o particípio absoluto, fazem parte da competência linguística de todos os falantes.

REFERÊNCIAS

- CANÇADO, Márcia. Verbos psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? *Veredas*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 1-18, 2012. ISSN 1982-2243. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/artigo-1.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2018.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978. 372 p.
- _____. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Holland: Foris Publications, 1981.
- CRUZ, Ronald Taveira da. A Gramática Gerativa na escola: o pensar linguisticamente. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 111-128, jan. 2018. ISSN 1984-8420. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/19848420.2017v18n2p111/35834>>. Acesso em: 22 mai. 2018.
- DUARTE, Paulo M. T. A voz média em português: seu estatuto. *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, v. 2, 2005, p. 783-794. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4606.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.
- GRÉGIS, Rosi Ana. A importância dos estudos sobre a Gramática Universal nas pesquisas em aquisição de segunda língua. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 54, p. 163-181, jul-dez. 2016. ISSN 2176-4794. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/16052>>. Acesso em: 22 mai. 2018.
- GROLLA, Elaine. *A Aquisição da Linguagem*. São Paulo, 2006. (Apostila). Disponível em: <<http://stoa.usp.br/egrolla/files/-1/17317/Aquisicao+de+linguagem.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos; SOUZA, Tharen Teixeira de. “Dar uma x-ada”: por que sua aquisição é tardia?. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 48-59, jan. 2004. ISSN 1984-8420. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6302/5840>>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos; MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.
- MENUZZI, Sérgio. A ordem verbo-sujeito no português do Brasil: para uma comparação das abordagens formalistas e funcionalistas. *Revista ANPOLL*, v. 1, n. 16, p. 349-384, jan-jun. 2004. ISSN 1985-

7830. Disponível em: <<https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/562/572>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

NASCIMENTO, Sílvia Helena Lovato do. Os verbos inacusativos do Português Brasileiro: uma proposta de categorização. *D.E.L.T.A.*, v. 30, n. 2, p. 237-256. 2014. ISSN 1678-460X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0237.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. *A competência lingüística*. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Lingüística I: Objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011a.

_____. *Sintaxe: explorando a estrutura da sentença*. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Lingüística II: Princípios de análise*. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011b.

PILATI, Eloisa Nascimento Silva. *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem Verbo-Sujeito no Português do Brasil*. 2006. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, abr. 2012. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/14042>>. Acesso em: 13 out. 2018.

SCHERRE, M. M. P. A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. IN: Bagno, M. (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola. 2012, p. 197-224.

SKINNER, B. F. *Science and human behavior*. New York: Macmillan, 1953.

SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

ABSTRACT

The present study presents an analysis of the Linguistic Competence of Brazilian Portuguese speakers in order to verify if they understand it in the same way, considering as a relevant variable the level of schooling in order to verify if the thought that people with lower schooling level have a lower ability to understand the language is valid. This verification was fulfilled based on the analysis of data obtained through the application of a questionnaire in which speakers should identify agrammatical sentences in Brazilian Portuguese. At the end of the analysis, the results showed that the speakers' process of language comprehension, regardless of their schooling level, is accomplished in a very similar way, showing that there is no reasoning in the previously presented thought.

KEYWORDS

Linguistics. Syntax. Generative Grammar. Linguistic Competence.

